

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO
CAMPUS SENHOR DO BONFIM-BAHIA

PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
NO SEMIÁRIDO COM ÊFASE EM RECURSOS HÍDRICOS

LUCIANO GONÇALVES RIBEIRO - LUGORI

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A CONVIVÊNCIA DE UM
PROFESSOR-APRENDIZ COM A AGROECOLOGIA

SENHOR DO BONFIM-BA
2020

LUCIANO GONÇALVES RIBEIRO - LUGORI

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: A CONVIVÊNCIA DE UM
PROFESSOR-APRENDIZ COM A AGROECOLOGIA**

Trabalho solicitado como cumprimento parcial da nota da disciplina **Agroecologia Aplicada ao Semiárido**, ministrada pelo professor Erasto Viana da Silva Gama, do curso de Especialização *Lato Sensu* em Desenvolvimento Sustentável no Semiárido com Ênfase em Recursos Hídricos.

SENHOR DO BONFIM-BA
2020

A CONVIVÊNCIA DE UM PROFESSOR-APRENDIZ COM A AGROECOLOGIA

Luciano Gonçalves Ribeiro – Lugori

Pós-graduando do curso de Desenvolvimento Sustentável no Semiárido com ênfase em Recursos Hídricos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
Campus Senhor do Bonfim-BA

E-mail: lucianolugori@gmail.com

Resumo: Trata-se de um breve relato sobre a convivência de um professor-aprendiz com a disciplina da Agroecologia a partir da observação de situações no cotidiano escolar e noutros espaços. A experiência de quintais ecológicos, as aulas da disciplina de Agroecologia no curso de mestrado em Ecologia Humana, o tempo como professor da matéria para o Proeja e a participação em um curso de formação/capacitação na mesma área de conhecimento, ambos vivenciados, serão historiados.

Palavras-chave: agroecologia, quintal ecológico, Curaçá, ecologia humana, formação de professores.

Breve apresentação do descritor

Antes de eu apresentar a minha relação com a Agroecologia, devo falar sobre quem sou eu. Chamo-me Luciano Gonçalves Ribeiro, mas adotei o epíteto de Lugori, que nada mais é do que a junção das duas letras iniciais do meu nome completo, e faço uso dele desde 2004. Gostei tanto que Lugori virou sobrenome. Nasci em 1984, na pequena cidade de Curaçá, norte da Bahia, onde resido até os dias de hoje. Sou filho de militar e de trabalhadora rural. Sou licenciado em Biologia, pela UPE, e bacharel em Comunicação Social (com habilitação em Jornalismo em Múltiplos Meios), pela UNEB. Fiz também uma especialização em Gestão Ambiental, pela Realiza, agora estou cursando outra pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável no Semiárido com ênfase em Recursos Hídricos, pelo IF Baiano, *Campus Senhor do Bonfim*. Também paguei disciplinas como aluno especial no mestrado de Ecologia Humana na UNEB, dentre elas a de Agroecologia. Sou funcionário público municipal desde 2002, prestando serviço no SAAE, empresa responsável pelo abastecimento de água e tratamento de esgoto, e também atuo como professor, com alguns hiatos, desde 2004. Atualmente leciono no CETEP José Amâncio Filho, onde tive o meu primeiro contato com a matéria da Agroecologia, a princípio como observador e depois, por um brevíssimo tempo, como mediador da disciplina.

“Com-vivência” agroecológica

Quintais ecológicos

O título “*Convivência de um professor-aprendiz com a agroecologia*” não foi escolhido por acaso, mas, precisamente, para justificar este relato e não para arrumar desculpas e/ou fugir da proposta inicial do trabalho. Eu, realmente, não possuo nenhuma experiência desenvolvida na área para que sejam apontados os objetivos, descritos os métodos da sua prática e apresentados os resultados alcançados. De fato, ainda sou um aprendiz da agroecologia, mas vou elencar algumas situações onde eu convivi e aprendi mais sobre essa área do conhecimento tão importante para as nossas vidas.

Como educador do CETEP José Amâncio Filho, eu observei algumas atividades desenvolvidas pela professora Rosana Sampaio, mestra em Agronomia e doutora em Ciências Ambientais, dentre elas, uma sobre “quintais ecológicos”.

Nesse trabalho, realizado com os alunos de uma turma de 2º ano, foi traçado como objetivo, desenvolver o conceito de quintal ecológico entre os estudantes do curso através da vivência deles nas suas casas, para, assim, torná-los capazes numa futura intervenção noutras residências do município. Em conversa com a idealizadora da experiência, ela relatou que a ideia ganhou vida a partir da dificuldade dos discentes em compreender e passar o referido conceito adiante.

Detalhando a mais a experimentação, das visitas programadas aos quintais dos estudantes, duas foram na zona rural, uma Fazenda Novo Horizonte e outra na Fazenda do Meio, em ambas com a participação das turmas do 1º ano de Agroecologia e de Agropecuária. No campo houve a participação dos familiares dos estudantes durante a abordagem do quintal agroecológico na perspectiva de uma produção orgânica e da segurança alimentar. Já na sala de aula, discutiu-se o que foi visto e foi feita uma avaliação sobre o que poderia ser acrescentado nas etapas futuras.

Os quintais anteriormente existentes nas comunidades eram cuidados pelos familiares e apenas dois foram introduzidos por iniciativa dos alunos para servirem de modelo/exemplo. Apesar da existência de vários quintais orgânicos, nenhum deles poderiam ser classificados como agroecológico, pois não apresentavam os objetivos propostos por este. De acordo com os estudantes, a falta de compromisso na implantação dos quintais foi o maior problema enfrentado durante a experiência, que teve como ponto positivo a troca de conhecimento entre gerações, inclusive utilizado para um melhor planejamento no desdobramento das ações seguintes.

O painel dessa experiência foi apresentado no I Simpósio Transdisciplinar em Agroecologia (SITRAG) realizado em Juazeiro-BA, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no ano de 2018. O evento foi organizado pelo Grupo de Agroecologia Umbuzeiro (GAU) que trouxe como tema “o bem viver e a soberania dos povos”.

A agroecologia na Ecologia Humana

Após ser selecionado como aluno especial da disciplina de Agroecologia, do curso de mestrado do programa de Pós-graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, da UNEB, campus Juazeiro-BA, tive a oportunidade de conhecer mais sobre essa ciência através das aulas do professor Jairton Fraga Araújo, mestre e doutor em Agronomia, e atual coordenador do Centro de Agroecologia, Energias Renováveis e Desenvolvimento Sustentável (CAERDES).

Durante os encontros, Jairton falou, primeiramente, sobre a produção com sustentabilidade nos biomas brasileiros, com destaque para o semiárido, onde estamos inseridos, mencionando sobre o tipo de clima e as irregularidades de chuvas, no entanto, afirmando que não há falta de água nessa região e sim uma ingerência, e ainda apresentou os estágios do desenvolvimento humano, comparando o consumo de energia entre o “homem primitivo” e o “homem tecnológico”, bem como destacou os elementos chaves para o que desenvolvimento sustentável seja alcançado.

O *status* da Agroecologia e da agricultura sustentável foram discutidas com base num organograma que classificou a agricultura nos mais variados tipos: a biodinâmica, a orgânica, a biológica, a natural, a ecológica, a regenerativa, a biológica, a permacultura e a alternativa, apontando as semelhanças e discrepâncias entre elas.

Jairton fez alusão aos conceitos de Gliessman, Altieri e Hetch. Para o primeiro, agroecologia é o estudo das bases ecológicas (estruturas e funções) dos sistemas agrícolas. Para o segundo, trata-se da base científica da agricultura alternativa. Já para o último, essa ciência incorpora ideias mais ambientais e de sentimento social acerca da agricultura e aos estudos dos fenômenos ecológicos.

Ainda nessas aulas, foi dito que a unidade de estudo da agroecologia é o agroecossistema (ou sistema de produção), que são estudados com o enfoque da ecologia.

O professor Jairton comentou sobre o paradigma da agricultura orgânica e que os produtos são feitos sob a égide do marco regulatório, inclusive citou a Lei nº 10.831/2003, que orienta esse de tipo agricultura do país.

Ainda sobre os processos de produção, foram colocadas em discussão as tecnologias de processos *versus* as tecnologias de produto, a supressão de insumos modernos (agrotóxicos, fertilizantes sintéticos etc), a ênfase do papel do solo como organismo vivo, a importância dos ciclos biogeoquímicos e a conversão do convencional para o orgânico, além do emprego de práticas de conservação do solo e da água.

Por fim, criticaram-se os agroecossistemas modernos ou tecnificados por se caracterizarem de um alto grau de artificialização das condições ambientais e também por existir pouca preocupação com a conservação e a reciclagem de nutrientes. Nesse tipo de sistema, as condições locais são adaptadas conforme as necessidades das explorações, pois o objetivo principal é a obtenção de lucro.

Breve passagem como professor de Agroecologia

Como mencionado anteriormente, eu estive à frente da condução da disciplina de Agroecologia para uma pequena turma (15 alunos apenas) de Proeja durante três meses no CETEP José Amâncio Filho, em Curaçá-BA.

Isso aconteceu no início de 2019 e aulas ocorriam no turno da noite. Como eram somente duas aulas por semana com um tempo de 40 minutos cada, não deu para fazer muita coisa. A exploração da disciplina foi bem superficial. Trabalhei os seus conceitos ao longo dos anos, numa espécie de linha do tempo, e organizei uns seminários a partir do livro *Agroecologia: caminho da preservação do agricultor e do meio ambiente*, de Jurandir Zamberlam e Alceu Froncheti.

A luta pela terra no Brasil e a questão ambiental, a trajetória da agricultura no Brasil e a Revolução Verde, a agricultura ecológica no Brasil e a crise ecológica e a busca pela sustentabilidade foram os capítulos/temas escolhidos, apresentados e discutidos pelos estudantes.

Como a turma era composta de pessoas que haviam um tempo que não frequentavam a escola, as apresentações foram sem muita formalidade e o enriquecimento do debate se deu com a participação de outras turmas que também tinham interesse em aprender mais sobre a temática.

Capacitação profissional

No ano de 2017 foi realizado no CETEP de Juazeiro uma oficina para formação de professores de Agroecologia no Território Sertão do São Francisco. Eu tive a

oportunidade de participar do encontro, juntamente a mais três professoras da então Escola Estadual José Amâncio Filho, representando o município de Curaçá.

Na oportunidade foi discutida a importância da disciplina no currículo escolar e de que forma ela poderia ser trabalhada pelas demais disciplinas. Durante o encontro foi apresentado um modelo de sistema ecológico que estava sendo desenvolvido pelos estudantes do Centro e que poderia ser replicado noutras escolas da região.

Esse foi um momento ímpar na minha relação a Agroecologia, pois, foi a partir dele que eu comecei a me interessar mais por esse campo do saber e a acumular mais conhecimento sobre o assunto, inclusive, mais tarde, lecionei, mesmo que por pouco tempo, essa mesma matéria.

Consideração finais

Essas foram as principais relações eu tive com a Agroecologia. Além do que foi citado, a outra convivência foi no próprio IF Baiano, *Campus* Senhor do Bonfim, justamente neste componente curricular (*Agroecologia aplicada ao semiárido*) para o qual fiz este relato. Como a disciplina foi dividida em três momentos, infelizmente não pude estar presente na última etapa

Nas duas primeiras, ministradas pelos professores Rangel Batista Carvalho e Américo Lopes Filho, além de uma contextualização com o semiárido, falou-se de sustentabilidade hídrica, de Revolução Verde (com citação do livro *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson), além da exibição de vídeos com experiências agroecológicas (“Da horta à floresta” e de projetos da Fazenda Toca e de Jaguaquara-BA, documentários da Agenda Gotsch) e da apresentação do sistema integrado para produção de alimentos, o “Sisteminha”.